

# Aefarrabios

---

ano 0 - nº II - abril de 2017



DE ABRIL

coletivo coletivo



Andreia de Carvalho\*

Expressão cultural e expressão artística sem as exigidas formatações de mercado. É, assim, que, mais uma vez, o **Alfarrábios** chega!

O movimento da contracultura e a certeza de que “cultura” não é, somente, aquilo que se propaga nas grandes emissoras de rádio e televisão, nem o que se publica nas renomadas editoras ou, ainda, as exposições de sofisticadas galerias de artes, estão no cerne da produção do **Alfarrábios**. Este *fanzine*, tampouco, considera que artistas são, exclusivamente, aqueles que se utilizam dos meios de produção, propaganda, *marketing* e mercado de consumo gerado pelas empresas citadas acima. Em seu número de lançamento dois autores abordaram a proposta deste *fanzine*. Neste segundo número agradeço a oportunidade - não de apresentar uma produção literária ou visual (Deixo esta tarefa para os demais participantes que tem talento para isto), mas sim, de compartilhar ideias. Intento, apenas, compartilhar algumas reflexões acerca do conceito de cultura.

A concepção que cada indivíduo tem desse termo tem gerado muita polêmica e, até mesmo, conflitos. Mas, se compreendermos cultura como forma pela qual os grupos humanos expressam seu modo de existência, como é possível, então, classificar o que é ou não é cultura? Seguindo com esse pensamento, se cultura é expressão da existência humana, ela abrange, ao mesmo tempo, o geral e o particular. O primeiro, devido à humanidade como um todo e o segundo, porque a humanidade é constituída por múltiplos e diversos grupos, sociedades, povos, nações que possuem características e formas de organização social diferentes. Falamos, então, de “culturas”.

Não é difícil admitirmos que diferentes povos de distantes regiões possuam e expressem um outro modo de vida; uma realidade social, bem como relações com os outros e com o meio ambiente bastante distintas. Portanto, uma outra cultura. A questão se torna complexa quando nos deparamos com diferentes realidades sociais e suas

formas de expressão dentro de uma mesma sociedade. Outro dado de tamanha complexidade é reconhecer, como cultura, algo que não se encaixa no padrão estabelecido ou não tem notoriedade e grandes consumidores. É, particularmente, em relação a este último aspecto que o **Alfarrábios** faz resistência.

A Cultura humana é, fundamentalmente, marcada pela diversidade e cada realidade cultural, por sua vez, é construída historicamente, é produto de um determinado contexto. Deste modo, para compreender uma realidade cultural é preciso, primeiramente, conhecer as práticas, costumes, concepções, interesses subjacentes e todo o processo sociopolítico que a produz. Nesse sentido, em se tratando de cultura é possível aplicar juízo de valor? Criar hierarquias?

A discussão sobre Cultura engloba muitos aspectos. Podemos, sim, discutir, problematizar, discordar e não aceitar determinadas expressões como parte da cultura com a qual nos identificamos ou vivemos. Façamos isto, principalmente, se elas violam os princípios e direitos fundamentais das pessoas, mas também, lembremos que mudar uma cultura é transformar a realidade que ela exprime. A polêmica em torno do que é ou não é Cultura tem, sobretudo, sua raiz na dificuldade do indivíduo de reconhecer e conviver com a diferença e, correlato a isto, nas formas de dominação e relações de poder que se engendram dentro de uma mesma sociedade e entre sociedades diferentes.

---

\* Andreia de Carvalho é psicóloga e psicopegoga

LC Carvalho

Iniciou a sua carreira artística em 1973 participando da XII BIENAL DE SÃO PAULO.

Artista visual: arte contemporânea / street art - pintura, gravura, desenho, fotografia, graffiti, xarpi e outras milongas mais.



{ Esquina Prostituta

As facas afiadas desafiam infinitos  
Avizinham-se declínios delírios e cílios postiços

No peito esfaqueado  
Cravada está a faca do desejo

Delito!

O grito surdo ecoa na madrugada vadia  
E de mãos dadas DADA uma sorte maldita.

Lábios que não se beijam se tocam em rimas perdidas  
Há distanciamento sortilégio e destino

[de súbito o vinho derramado.

Perguntas sem respostas vontades postas à mesa  
Sobremesa agridoce

... e a morte  
passa ao largo.

Sangram feridas distantes  
Corpo fechado nem sabor nem recato

[F-E-C-H-A-D-O]

Sem fechadura sem chave cadeado enferrujado.

{ Le Barba

Putas

De um passado presente se apresentam  
Percebe-se pelo aroma um perfume barato.

Cervejas vadias

Noite perdida

{ Esquina Prostituta

Adentra madrugada  
Sem final... sem começo.

Adereços

.....  
O carnaval

A Lira do Desejo

Delito e deleite

Lança perfume

Baratas passeiam

No banheiro

Desce o pano

Fim do primeiro ato

[Desacato]

Reticente

{ Le Barba

Na esquina vadia  
Teu corpo alvo  
De pureza imaculada

Epifania errada

Em madrugada suja  
Você toda nua  
Vestida de pudores

Odores fétidos  
De bueiros e puteiros

No céu a Lua Negra  
Em seu templo obscuro

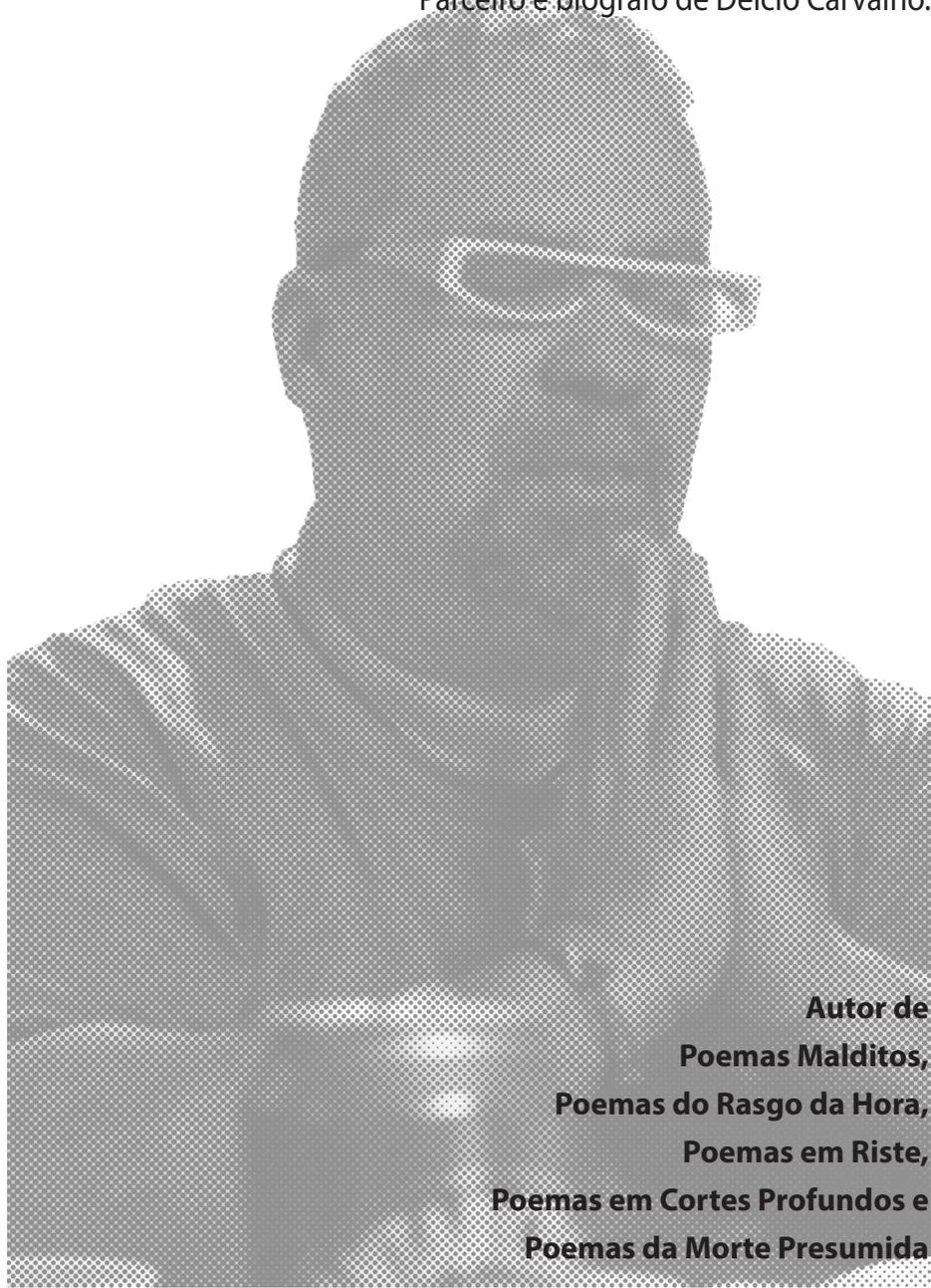
A tudo assiste

Indiferente...

Le Barba  
2.2014

Poeta, ensaísta, romancista, compositor e cantor de samba, jazz e blues.

Parceiro e biógrafo de Delcio Carvalho.



**Autor de**  
**Poemas Malditos,**  
**Poemas do Rasgo da Hora,**  
**Poemas em Riste,**  
**Poemas em Cortes Profundos e**  
**Poemas da Morte Presumida**

{ Poemario das causas inúteis

1 Um canto para enfiar a cabeça/  
 um canto qualquer para enfiar a mente/  
 um canto para esquecer o rosto/  
 um canto qualquer para lavar a invisibilidade das horas.

Uma sala vazia e um homem estirado no chão/  
 vivo ou morto sem importância alguma na cena possível/  
 o corpo jogado na vala ou na vastidão dos cemitérios/  
 um canto em mais um corpo  
     sem tempo  
         sem nada.

2 Azia matinal e o café quente/  
 sempre à mesma hora como se tudo fosse possível/  
 como se a mesa fosse o que fosse/  
 e a cadeira insistisse em não mais sair do substantivo lugar.

Azia matinal e o café quente/  
 e o adjetivo quente a assolar a garganta/  
 e no mais o cansaço insano de quem apenas vomita/  
 seus restos mortais esbranquiçados pelo mal.

{ Joao Ayres

3 Uma serpente que se arrasta/  
 dentro de qualquer advérbio de lugar/  
 esverdeada em água rasa/  
     ou em dente afiado/  
 uma serpente que se arrasta no abandono do verbo seguir.  
 Uma serpente que se arrasta em lentamente/

{ Poemario das causas inúteis

como se o modus operandi fosse pior do que o substantivo cirurgião/  
que agora abre o estômago do substantivo paciente/  
que tosse o seu fim como quem fuma o último cigarro.

4 Onde e como/  
pergunto em indagar/  
qual em pronome interrogativo/  
quem em quem fez o que fez?

Onde diz das origens/  
quando o quando provém do substantivo lugar/  
impessoal é o tempo quando o próprio se desconhece/  
em ir e ir em ir em alguém esteve ali.

{ Joao Ayres

{ Poemario das causas inúteis

1  
 um poema e mais um tanto/  
 de qualquer coisa qualquer/  
 aberta ou fechada em lata/  
 encontrada na palavra lixo.

o lixo e o poema/  
 em versos no correr da noite/  
 há mais frio nas entranhas apodrecidas/  
 há mais morte em ninguém circula por aqui.

2 Minha mãe me criou/  
 e sabia que eu não daria para nada/  
 e sabia que este nada/  
 estaria sempre em mim como um saco de plástico vazio.

Minha mãe sabia/  
 que eu não teria serventia alguma/  
 e disse que não poderia comparecer ao meu enterro/  
 pelo fato de ter que fazer as unhas.

{ Joao Ayres

Minha mãe em meus pesadelos noturnos/  
 eu que arrancava aquelas unhas terríveis/  
 em comeu e não gostou em pretérito perfeito/  
 em cheiro de naftalina no substantivo armário.

Músico e pesquisador e escritor, estudou teoria musical em curso dirigido pelo Maestro Guerra Peixe. Projetista de Arquitetura formado pelo Senai, Escritor, Artesão e Arte educador.

{ Antonio Jose do Espirito Santo



ESPIRITO

SANTO

## Il Grande Dimenticare

Acordei no que parecia ser uma cidadezinha do interior. Havia um sol morno fazendo brilhar a grama cor de verde-novo, chovera a pouco e era de tardezinha. Estranho... Não conseguia atinar como é que eu havia ido parar ali?

Ouvia bem longe um relincho de um cavalo afoito, histérico. Um relincho incomum demais para um cavalo ao sol. Seguindo o relincho logo divisei já na risca do horizonte, um homem magricela, se abaixando e levantando do chão, ocupado na faina de plantar ou colher algo. Não dava bem para saber ao certo o que. Olhando melhor a cena, percebi que vez por outra, o homem espantava o cavalo de perto de si, como se o animal estivesse querendo também, ardentemente, aquilo que ele plantava... ou colhia, não conseguia ainda perceber o que.

Foi quando o vento, mudando de direção me trouxe aquele cheiro nauseabundo de coisa morta, um cheiro insuportável de carne podre ou algo assim. O homem cavava e enterrava um troço qualquer, era isto. Um bicho morto, concluí ainda intrigado. Com repulsa saí dali, tapando as narinas, afastando os olhos da cena e olhando para trás.

Atrás havia logo adiante uma casinha modesta, toda de adobe mal socado, com jeito de bem antigo. A casa estava um pouco destelhada e com um ar de abandonada há anos. Porta esbodegada, tombada para um lado, presa por uma única dobradiça, como um baú velho saqueado e abandonado por um ladrão decepcionado com o nada que havia dentro dele para roubar.

Incrível. Não conseguia mesmo atinar. Como é que eu havia ido parar ali? O pior é que isto eu jamais saberia por que, de repente acordei, completamente e me dei conta de que toda a bucólica paisagem da roça havia desaparecido, se desvanecido como por encanto, como se alguém tivesse mudado o canal da TV.

E foi daí que, aparvalhando-me mais ainda com a nova cena, ouvi aquele som sujo, um ruído, um chiado intermitente, um barulho familiar enfim. Incomodado, me dispus a acordar pulando da cama.

O que aconteceu? Onde estou? Quem sou eu? Que barulho seria este?

Olhos embaçados e um calafrio esquisito cortando o corpo, feito um choque elétrico fraquinho.

Claro! É que chovia muito. Dava pra ouvir aquilo que, mesmo sendo ainda indefinível para mim, evocava uma sensação assim-assim de coisa úmida, molhada, que logo associei à chuva. Sim, claro! Ainda sabia o que era aquilo. Uma enxurrada fustigando as paredes do prédio, uma lata velha largada sob uma grossa goteira, ou um teto de zinco chicoteado pelo vento. Isto! Feito uma cachoeirinha, um som de leve tempestade, isto! O zinco oxidado batido por lufadas de chuva. Ai que alívio! Ainda conseguia saber claramente o que era aquilo. Quase podia ver.

Um aliviozinho qualquer como estas furtivas lembranças valia ouro naquela altura dos acontecimentos. Tempos estranhos aqueles: A era do Alzheimer Day, o apagão geral das mentes, sensação igualzinha à daquelas vezes em que meu Dispositivo Pessoal de Raciocínio Virtual – a bem da verdade já meio superado – rateou rateou até pifar de vez.

Desesperador. Fiquei catatônico por vários dias. Sonado, abestalhado como um boxer que teve o cérebro sacudido na caixa craniana a vida inteira por milhares de upercuts, sparring do tempo e de si mesmo, se abobalhando. Fiz uma atualização do surrado DPRV sim, claro, mas sabem como é: Estas coisas recauchutadas...Ele voltou meio barro meio tijolo, como se diz, meia bomba.

Veza por outra eu não conseguia nem mesmo saber direito o que estava ouvindo, vendo, sentindo. Uma sensação terrível de desamparo, um desassossego só.

O terapeuta me disse na ocasião que o que eu sentia era idêntico ao que uma velhinha com mal de Alzheimer sofria, os neurônios se apagando um a um, num blackout seletivo, um córtex de cada vez. Sabem como é? Uma Las Vegas noturna sobrevoada por discos voadores, as luzes se apagando cassino a cassino, como naqueles filmes de Sci Fi de séculos atrás.

(Discos voadores? Como assim, discos voando? Às vezes custo a me lembrar o que isto quer dizer).

Isto mesmo. A mente rateava da mesma forma como a das velhinhas só que, desta vez, não era só comigo. Virámos todos velhinhas com Alzheimer numa pandemia de esquecimentos. Pelo menos era isto que diziam os mais safos, os que ainda conseguiam se lembrar do sentido de coisas assim tão complexas, conceitos tão abrangentes, descritivos deste sofrimento tão surpreendentemente coletivo que era aquele apagão das mentes.

O que ocorreu só fomos entender mais de 10 anos depois, quando tudo se normalizou e assumimos a forma de inteligência que temos hoje, nem de longe parecida com a aguda perspicácia elétrica que tínhamos no passado, em meados do século 22 por aí, antes do Alzheimer Day.

Maravilhosos. Ultra civilizados. Super poderosos. Seres geniais e perfeitos o que éramos todos nós antes do acidente. As limitações intelectuais de alguns, dos mal educados, haviam sido suprimidas, quase que completamente banidas da população.

Inacreditável, mas, foi assim:

O estupendo grau de evolução tecnológica que atingimos permitiu que todo o conhecimento humano fosse transferido, gradualmente, para espaços virtuais de compartilhamento de dados, espécies de sites 'de relacionamento', como se dizia antigamente. Não era de modo algum uma opção, meramente hedonista de nossa civilização. Era uma condição compulsória e imperativa de nossa evolução. O artificialismo total, a automatização absoluta de nossas maneiras de ser e viver em nome do bem estar, da felicidade geral da nação, de todas as nações: "It's wonderful world".

E esta era a mais pura das verdades – por mais absurda que pudesse parecer.

Estes espaços virtuais de compartilhamento de dados, estes sites antes ditos... 'colaborativos', atraentes chamarizes de perfis e persona-

lidades reais ou inventadas, passaram a acumular e guardar toda espécie de conteúdo (tudo que antes guardávamos em nossos cérebros primitivos), anseios, desejos, taras inconfessáveis, disponibilizando, a quem quer que fosse, rigorosamente tudo de bom ou de ruim que uma mente humana pudesse conter. A Droga Final, disseram os céti-cos apocalípticos.

Guardávamos aí, nestes espaços virtuais um pouco buracos negros, meio que armários guarda-volumes de aeroporto, inclusive os mais simples comandos e mecanismos de inteligência necessários a algumas de nossas ações mais triviais e cotidianas, tais como pensar e até mesmo amar, por exemplo.

Acumulávamos aí e assim – e intercambiávamos uns com os outros – até mesmo as mais falsas projeções que fazíamos de nós mesmos, personas mentidas, meras pavoneações de nossa alma ideal, projeções viciantes de como gostaríamos de ser vistos, que após certo tempo, confundiam-se com aquilo que realmente éramos, criando agora em muitos de nós, problemas de identidade muito próximos de uma psicopatia não diagnosticável, uma espécie de esquizofrenia virtual, absurda, irreal, que era como os psicólogos da época descreviam estas nossas novas maneiras de ser.

Rigorosamente toda a nossa memória enfim (exceto aquela utilizada para atos mecânicos como andar e comer), passou a ficar hospedada em HDs de supercomputadores gigantescos, depois que todas as mídias físicas foram sendo abandonadas por se tornarem antiquadas, anacrônicas e obsoletas e, principalmente, descartáveis em sua precária confiabilidade.

A fantástica evolução que representou passarmos a ter, rigorosamente tudo de nossas frágeis mentes guardado nestes supercomputadores, por sua vez, numa evolução natural da virtualidade quase total em que se transformou a vida humana, logo nos encaminhou para a criação de uma só grande máquina, capaz de centralizar os dados de todas as mentes do universo.

Praticamente todo o pensamento humano passou a estar, umbelical-

mente armazenado num gigantesco computador Provedor Universal, instalado na superfície da Lua, após a lenta maturação de um projeto multinacional que durou quase 50 anos para ser enfim, concluído no ano de 2398.

O lúgubre Deus virtual, batizado por seu inventor Joseph Von Spitzheim-Siegl com o nome de 'Home Welt Herzzentrum' (HWH), foi talvez o passo mais fabuloso – tanto quanto o mais estúpido – dado pela humanidade em todos os tempos, em prol de sua exclusiva e egoísta evolução.

HWH: Cabeça da grande rede da velha WWW que, acéfala como uma hidra mitológica no século 21, assumia agora a forma de um grande polvo adormecido, sabe-se lá por que razões ou intenções sugerindo perigos, como um perverso vilão enrustido.

E foi assim que, neste dia o mal também projetado sobreveio enfim.

---

Um risco cadente cortando o negror do espaço. Um clarão de estilhaços brancos, como um espirro de cacos explodidos de um bloco de gelo golpeado por um furador. Foi assim que alguns poucos descreveram o que viram naquela noite. Eles, os mesmos vadios de sempre que, sabe-se lá porque arcaicos instintos estavam, sentimentalmente com os olhos voltados para a Lua naquele instante.

Eu não. Coisa alguma vi naquele torpor em que me encontrava, pobre de mim, com o meu DPRV rateando. Só senti mesmo o susto de um pensamento bom que se apagou de súbito. No visor lateral dos meus óculos de grau a tela azul piscava o aviso de uma failure desconhecida, antes da janela secundária da tela se abrir com a notícia alarmante:

“FATAL ERROR!”

Provedor HWH inoperante. Por favor, teclar F7 para acessar provedor alternativo de emergência de sua região ou teclar ESC para sair”

O Provedor Alternativo era um sistema de emergência online com mensagens de ajuda e notícias curtas, que ficava disponível por algu-

mas poucas horas, até se esgotar sua limitada capacidade de processamento o que, logo pudemos perceber, no caso de um crash universal como aquele, significaria a duração de uns poucos minutos, antes do apagão total se estabelecer. Foi neste serviço de ajuda online (último vínculo que tínhamos com algo parecido com uma realidade) que assisti a uma simulação do que ocorreu:

Um asteróide errante, de trajetória não totalmente prevista, havia entrado na órbita da Terra e se chocado com a Lua. O pessoal da base do HWH teve tempo de se afastar da área sinalizada para o choque que foi, em cheio, a central do HWH, O grande domo de aço onde o dispositivo-mãe, núcleo duro da grande máquina, havia sido hermeticamente acondicionado.

Foi assim:

A 'alma' do HWH, o local onde o Provedor Universal fora instalado, na vã expectativa de que ali fosse o lugar mais seguro do universo, foi instantaneamente pulverizada pelo impacto.

Conta-se que o prof. Spitzheim-Siegl chorou, copiosamente, durante uma entrevista, como se tivesse perdido o filho mais querido.

As alarmistas notícias repassadas pelo provedor alternativo descreveram o acidente como sendo uma espécie de Alzheimer Day, o dia fatal do apagamento das melhores lembranças da humanidade, bem como aquele terapeuta me havia dito.

O filósofo marx-holista Vitorio Doro Scazambone, crítico contumaz das idéias de Spitzheim-Siegl nos alertara poucos anos antes do que ele chamou de Il Grande Dimenticare, em seu arcaico blog sobre os riscos de não se ter mais nossos cérebros primitivos ativos e bem treinados, sempre disponíveis para esta eventualidade tão previsível quanto inevitável.

“Lo dico e lo dico, con enfasi che molti millenni di formazione primitiva forme di ragionamento, in base alla lenta assimilazione dei concetti stabiliti dalla ripetizione degli errori e successi, i nostri cervelli hanno accumulato un livello di esperienza per la gestione e la cura dell 'uni-

verso, insostituibile. Anche l'imprevedibilità del nostro comportamento, suscettibile di diverse influenze dell'ambiente – che per gli appassionati di virtualità totali è stata la nostra grande colpa – a me, Vitorio Scazanbone sembra essere una ragione divina e insormontabili.”

(Vitorio Doro Scazanbone no artigo “Sotto il rischio di un blackout di mente” publicado em seu blog pessoal em 11 de abril de 2395)

Inútil. Nada do que Scazambone alertara adiantou. Ninguém lhe dera mesmo ouvidos até porque as nossas mentes em poucos decênios de escravidão voluntária, haviam embotado quase por completo, irremediavelmente dependentes que ficaram dos eflúvios do HWH lunar, expressos por periódicas tempestades lunares carregadas de downloads oníricos.

Os ABs (alternativs braims), cérebros humanos alternativos (espécie de PCs minúsculos como chips pós modernos) de altíssima capacidade de armazenamento, passaram a ser implantados então, diretamente em nossas próprias cabeças. ‘Espetados’ como aqueles pendrivers do século 21 em nosso sistema nervoso central, muitas vezes tinham que ser confiscados dos filhos adolescentes por mães briosas, para que estes não se viciassem na rodagem de programas-barbitúricos ou anabolizantes, baixados, facilmente de sites de prazer virtual online.

O fato mais dramático é que estes ABs acabaram por assumir o controle de tudo, inclusive da nossa individualidade. Nossas vontades mais íntimas por conta desta evolução, a partir de certa época passaram a estar, totalmente dependentes de um programa de inteligência artificial denominado Onirix (1.09 em sua versão da época), periódica e automaticamente, atualizado, por meio daqueles longos downloads que rodavam durante o nosso sono, descaradamente disfarçados de sonhos chamados de ‘Marés de barato’.

(Estes sonhos virtuais eram tão lúbricos e eróticos que, não raro, produziam poluções noturnas intensas, tanto em homens quanto em mulheres e eram por esta simples razão, ansiosamente esperados, estimulando o comercio desenfreado – e inutilmente proibido – de drogas voltadas para tornar o mais profundo – e prazeroso – possível o sono

das pessoas.)

Sim, claro. Sabemos que sobraram na Terra, como remotas possibilidades de recuperar algo de nossa inteligência original, as velhas mídias do passado. Livros empoeirados, discos de vinil de vetustos colecionadores, CDs meio descascados, pilhas de Ipods danificados, HDs enferrujados, tudo jazendo em velhas oficinas de sucata de material de informática, a maioria amontoada em úmidas salas de museus de mídia, prédios que ninguém visitava mais.

A causa era o alto estágio alcançado pelas avançadíssimas condições que a vida virtual atingira, com tudo, literalmente tudo podendo ser acessado e realizado, vivido mesmo. Esta Vida Virtual podia ser facilmente acessível por meio de algumas rápidas piscadelas de olho (ação que substituiu os clicks de mouse do passado) dirigidas ao nosso Cérebro Total Alternativo, fisicamente separado de nós e guardado num armário remoto qualquer, como uma alma superpoderosa, eternamente jovem, eternamente online.

Como consequência do Apagão o pânico. Ocorria que os poucos técnicos remanescentes que se lembravam ainda de como funcionavam as máquinas pré históricas, capazes de ler aqueles dados remotos, debatiam-se sem sucesso com a incompatibilidade absoluta estabelecida entre elas, as mídias arcaicas, os dados disponíveis, dispersos em suportes incompatíveis, não conseguiam se configurar num sistema operacional que servisse para alguma coisa que não fosse processar informações, absolutamente banais, como ler um romance, por exemplo.

E para que nos serviria afinal ler um romance se nossa inteligência não se desenvolvia mais por meio do impacto e da forte impressão que nos causavam as emoções banais?

Nos transformáramos em seres de aspecto apoplético tanto que, se fôssemos observados por pessoas comuns das eras passadas, não seríamos reconhecidos como humanos, de modo algum, por causa do ar de insanos pálidos, obesos e abestalhados, olhando o nada dentro de nós mesmos como falsos cegos não querendo ver o que, mais cedo

ou mais tarde haveria de conosco acontecer. Como de fato aconteceu.

-----

Era por isto que a evocação daquele sonho estranho com o cavalo me angustiava. Um pesadelo aterrorizante era o que parecia. De onde viera aquela cena tão rudimentar e arquetípica?

Se eu, como todos os demais habitantes do planeta não tinha mais memórias a evocar, angústia alguma para sofrer e remoer em pesadelos, se não podia mais acessar a mais prosaica das lembranças tristes ou felizes de meu passado após a explosão lunar que destruiu o HWH, de onde vinham aqueles lapsos de consciencia, aquelas angustiantes mentalizações tão realistas?

De onde vinha o cheiro nauseabundo de carne podre? Como eu poderia reconhecê-lo se o registro dos vapores dele não mais estava em mim?

Naquela mesma noite, ao dormir o que seria mais uma noite sem bons sonhos, trêmulo com a expectativa de sofrer angústia do que julgava ser outro pior pesadelo, me vi novamente dentro da casinha tosca, que agora aquecida pelo fogão de lenha, me parecia, acolhedoramente familiar.

Um chá ralo, muito quente me foi posto á boca e as narinas se arregalaram: Hortelã!

Como assim? Onde estou? Quem sou eu?

O homem magricela – que agora eu percebia ser louro como uma espiga de milho – ainda impregnado daquele cheiro de morte que trouxera lá de fora, me tranquilizou com um olhar sereno, enquanto apontava uma lua que aparecia branca no céu ainda azul:

– “Nada de pioggia domani!

E foi com aquele seu sotaque italiano que ele me contou que a febre me pegara de jeito logo que chegamos ao local. As alucinações tinham sido tão intensas que nos delírios, eu havia molhado várias vezes o lençol estrapeado que ele me dera.

No mesmo dia em que eu adoecera daquela gripe braba, um raio matara um potro bem novinho. A chuvarada durou uns três dias e só agora ele pudera enterrar o bichinho. Como? Quer dizer que aquilo tudo não havia sido sonho nem pesadelo. Uma égua desesperada, achando incompreensível a morte de seu potrinho, fora o que eu vira naquela tarde.

Com a febre indo embora fui me lembrando, lentamente da viagem à roça. O pessoal da equipe tinha ido à cidade comprar querosene e cachaça. Antes de voltar, deram um tempo na venda do local e aproveitaram para dar uma carga nas baterias da câmara já que, mal havia luz elétrica por ali. Voltaram já meio tocados de pinga.

O hortelã do chá que o magricela me dera, aos litros, estava ainda impregnado no meu bigode e eu ansiei também por uns bons goles de pinga com limão. O Hortelã mais a pinga me deram um baita de um suadouro. Ai que alívio!

---

Pois foi mesmo assim, mais calado do que de costume, que fiquei ouvindo a entrevista que o magricela continuou a nos conceder, falando sobre seu avô, um anarquista italiano que se escondera por aquelas bandas e construía aquela casinha no início do século 20, depois de matar um soldado do exército na Revolta da Vacina no Rio de Janeiro. Nome do anarquista carcamano: Vitorio Doro Sczambone.

Mama mia! Pesadelo invertido é fogo.

Só continuo não conseguindo atinar como é que aquelas histórias desvairadas foram parar dentro de minha tão febril cabeça. Malato di mente como diria o magricela, preciso me curar logo deste vício de computador, dar um tempo da internet, esfriar a cabeça, apagar. esquecer.

Una piccola dimenticanza.

Spírito Santo

Maio 2009

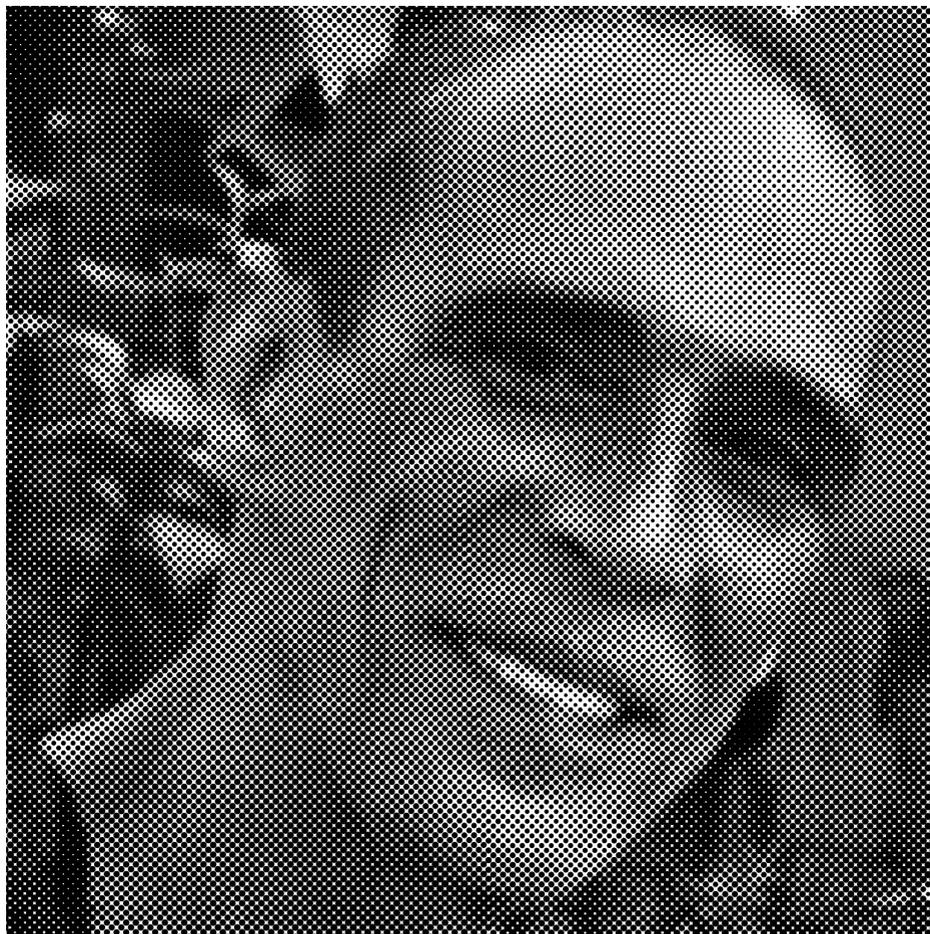


Poeta

Compositor

Fotógrafo

{ Marco Valença



{ UM DIA UM DE ABRIL

Essa data, para mim, sempre é e será: ludo.

o bom humor da brincadeira com camaradagem, da intenção do sorriso, quando dizer "Caiu!", "Te peguei!", "Perdeu!" é só deboche alegre sem maiores consequências traumáticas.

Essa data, para mim, seria isso tudo!

Não fosse, no ano de 1964, fundar-se o longo luto, causado pelo golpe de Estado que as Forças Armadas impuseram a Nação e pela ditadura militar que nos roubou, torturou, massacrôu, assassinou gentes e futuros.

Então digo que o dia da mentira, para mim, é de verdades, de verdade uma data de possível celebração do lúdico.

Então melhor é a criação, senhora de traços, imagens, movimentos, cantares, palavras.

Para cada obra - como um templo - mais uma vez, deixar de ser bem único e se tornar bem público.



não tenho mais receio  
de ser infeliz  
não tenho nenhum medo  
de morrer  
ou viver por um triz

eu tenho minha altivez  
além do fato  
de que toda vida  
tem que ter seu fim

e cada vez mais  
enredo minhas queixas  
e sinais vitais  
do que não pude ser

e encandeio coisas

{ CARVÃO NO GIZ

que aconteceram  
e as que jamais  
vão me acometer

me acredito um milagre  
que um ato humano  
fez ao conceber

não sei se amor  
é a palavra exata  
para definir  
o que sou ou sei

não importa a origem  
sou um homem livre  
digo o que quiser

não tenho mais desejos  
de não ser feliz  
não tenho nenhum credo  
pra sofrer  
eu sou carvão no giz

marco.  
17.01.2017.



encerro meu navio  
em uma garrafa  
para me fazer ao mar

levo o cais de vidro  
entro em um barco  
singro até o alto amar

e entrego ao tempo ao vento  
às marés e demais movimentos

a vida interrompida hoje  
no lacre deste evento

e reinicio a juntar  
daqui para frente  
minúcias e exageros  
novas memórias lúcidas  
de virtudes e excrementos

pensando desta vez  
em um cargueiro de contêineres  
fechado em um tonel  
ao relento em todo e qualquer mar

e se alguém  
algum dia resgatar  
os resumos de todas as vidas  
que tive e tenho

sei que haverá  
o que bastante ler  
o que muito ver

somente para depois  
despachar de novo ao mar  
o que não mais importa  
dessa vez sem invólucros

minha passagem é biodegradável

marco.  
29.01.2017.

Edson Amaro publicou pela editora Buriti sua tradução  
do romance “Valperga”, de Mary Shelley.

EDSON AMARO

TRADUTOR  
ATOR

POETA

PROFESSOR



## PETIÇÃO À CÂMARA MUNICIPAL DE NITERÓI

Nobres vereadores, eu vos peço  
 Para este meu discurso sua atenção  
 E sabendo que a tenho já começo  
 Pedindo a quem couber restauração  
 De uma placa que lhes deram e não tem preço.  
 Foi em dois mil e nove o tal ano,  
 Dia e mês não afirmo sem engano.  
 Era o bicentenário celebrado  
 De Darwin, cientista consagrado  
 Nos dez pés de martelo alagoano.

Charles Darwin andou no mundo inteiro  
 Analisando as obras da natureza.  
 Também pisou em solo brasileiro,  
 Em diário registrando sua aventura.  
 Esteve na Bahia, Rio de Janeiro,  
 No Império tão rural, tão pouco urbano;  
 Contra os negros viu trato desumano,  
 Estudou fauna e flora do Brasil  
 E ao mundo contou tudo o que viu  
 Nos dez pés de martelo alagoano.

Mais uma voz contra a escravidão  
 Foi seu diário em Londres publicado.  
 Por todos que defendiam a abolição  
 Pelo mundo foi livro bem citado.  
 Também nos ensinou a evolução  
 Em outra obra, livro soberano  
 Que a natureza nos revela sem engano:

{ Petição a Câmara de Vereadores de Niterói

“A Origem das Espécies”, fundamento  
De um necessário e novo pensamento  
Nos dez pés de martelo alagoano.

A toda a natureza bem ligados  
Nós nos vemos nessa obra magistral.  
À terra eis os seres conectados  
O equilíbrio fazendo no final –  
Segredos só aos homens revelados.  
Tal ciência ensinemos ano a ano:  
Para um Brasil melhor esse é o plano.  
O clássico maior da Biologia  
Fundamenta a urgente Ecologia  
Nos dez pés de martelo alagoano.

E na igreja maior do Reino Unido  
Darwin jaz, qual da pátria sua herói.  
Que seu nome aqui não seja esquecido;  
Amor igual lhe mostre Niterói  
Restaurando esse marco recebido  
Dos ingleses naquele grato ano.  
Com Darwin Niterói eu louvo e irmano  
A Montevidéu, também Cabo Frio,  
Salvador, Maricá e o próprio Rio  
Nos dez pés de martelo alagoano.

Edson Amaro



Professora de Dança e Dançarina

Atriz

Já fez Projetos em Niterói como Projeto Escola com a

Cia Teatral Atuando Actus

Poeta (Escritora) Antologias Um Brinde a Poesia 15 Anos

e Poetas Raios de Sol

Diretora de Ações Culturais Movimento União Cultural Nú-

cleo Niterói/Colunista Social (Jornalista)

Produtora Cultural Idealizadora de Vários Eventos

em Niterói



# {Idealizar é sofrer Tributo a Mariana Minas Gerais

Observando os espaços vazios

Barulho,grito,choro

De Repente meus olhos se fecham

Ouçõ vozes,lamentos

O Azul fica Marrom

Marrom de Lama

O Verde desaparece

Ultimo suspiro

Mariana,Bento Gonçalves

Cidades levadas pela lama

O Povo Clama.

Vidas que se foram

Desastre na Natureza

Sem respostas,solução.

Vidas que não vão voltar

Ondas que se seguem para o mar

Mar de Lama..

Eles sabiam o que podiam causar.

Lesões graves que provocaram

Natureza e Humanidade

Pra longe se foram.

Nunca mais seremos os mesmos.

Memórias desapareceram

Não podemos fazer o mundo parar de girar.

Dias escuros,estou chorando.

Não dá para esquecer dias vazios.

Talvez todos queriam encontrar o caminho da felicidade.

Os caminhos da vida são incertos.

Se sentindo um ET na cidade Grande perdida procurando refúgio.  
 Onipresente, imprevisível.  
 As fores vão chegar algum dia? Idealizar e sofrer..

Autora: Jammy Said

## Não procure me compreender

Vou jogar fora tudo que não presta, tudo que não acrescenta e não me faz crescer.

Fazer uma limpeza no armário, revirar as gavetas, Vou juntar todos os sapatos, roupas tudo que não preciso e doar para quem precisa.. A partir de hoje vou ser uma outra pessoa mudar a mim mesma, pensamentos e atitudes a respeito de pessoas que não acrescentam em nada na minha vida... Vou seguir em linha reta, uma meta um foco.. Não sou de meias verdades, sou inteira, sou intensa...

Quero olhar nos olhos das pessoas e encontrar sentimentos....

Sou eu ....samente eu ...

Não procure me compreender porque sou mistério, sou fênix....

Gosto de adrenalina, coração pulsando, sentir a vida gritando dentro de mim...

Não procure saber quem eu sou. Porque sou o que sou e não procure me mudar..

Sou autêntica, sigo em frente em meus objetivos...

Os caminhos de pedras e espinhos não me machucam porque sei desviar de obstáculos.. A vida me ensinou não faça aos outros o que não quer que façam a você. Tudo que vai volta igual a um Bumerangue, o sol brilha para todos só não brilha para os corações doentes pelas maldades humanas que vivem em suas próprias escuridão..

Autora: Jammy Said

{ Não procure me compreender



Estuda Antropologia, Artes e Teatro.

Pesquisa corpo, performance e teatro.

Quase escritor e artista.

Viciado em pensadores franceses, músicas melancólicas  
e docinhos

de festa, não necessariamente nessa ordem.





Quando O Carnaval Se Faz Dispendio



{Lucas Souza



Quando O Carnaval Se Faz Dispendio



{ Lucas Souza



Estudante de empreendedorismo e gestão.

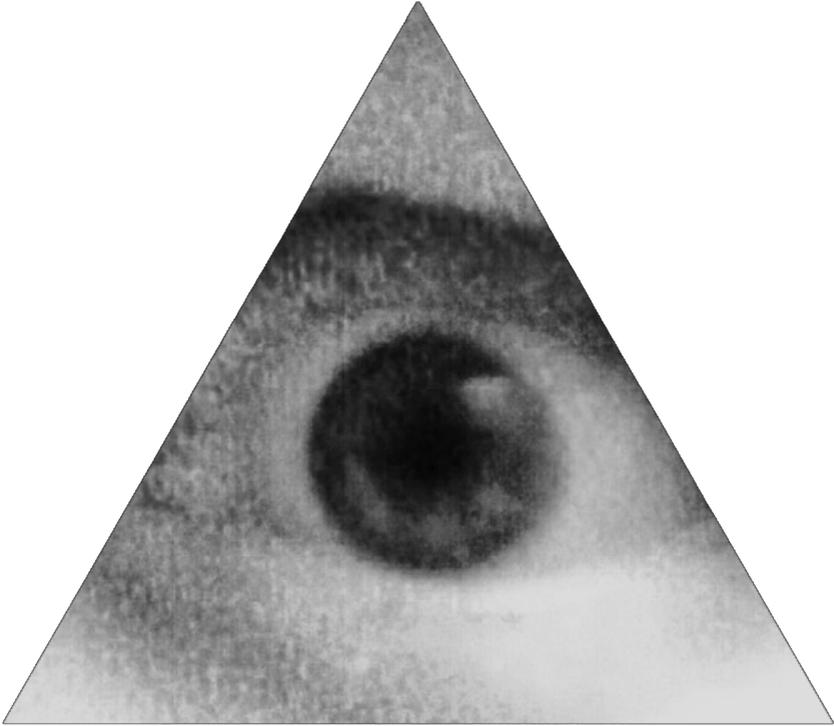
Barbeiro de profissão e por paixão.

Amante da Street Art, música e cultura underground em geral.

{ Gabriel de Souza Alves



# Reconhecendo os Répteis: Diários perdidos



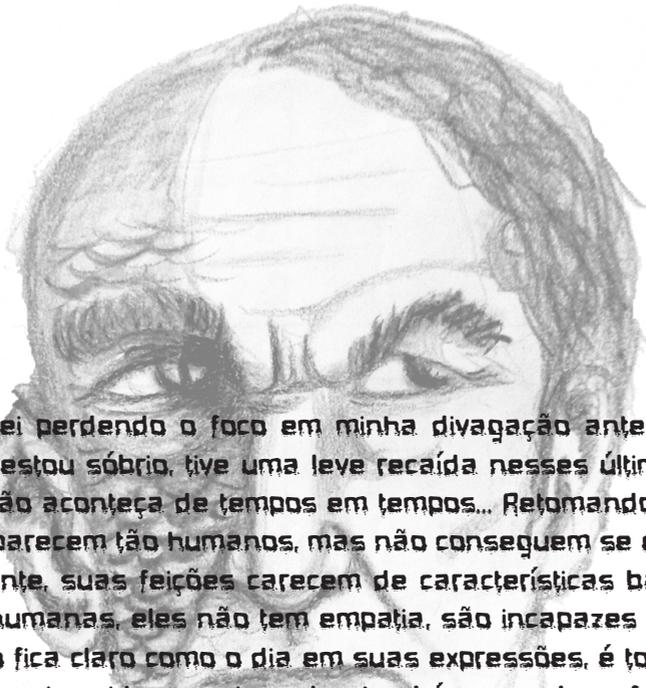
**Autor: João, os Olhos do Povo**

{ Reconhecendo os Répteis: Diários perdidos

**- Entrada de diário 15 - 03/03/17**

Há algum tempo venho pesquisando... tentando desenvolver métodos mais eficazes de reconhecer os répteis, a ameaça... não tem sido fácil, pois é como quando tentamos ler um texto em letras minúsculas temos que nos aproximar bastante para enxergar, só que... esse texto possui olhos que veem tudo, garras capazes de destruir um simples ser humano, e uma mente diabólica capaz de escrever os capítulos mais negros da história, e quanto mais me aproximo mais enxergo, ao passo que mais me exponho... E isso não é bom, hahaha, por DEUS que não é bom... As vezes é difícil controlar esses destemperos: ataques de pânico mesmo. Eu estive tempo demais escondido, buscando maneiras de proteger minha mente, tentando me manter sóbrio... Por fim, se prestamos bastante atenção conseguimos ver além da máscara.

## - Entrada de diário 16 - 07/03/17



Acabei perdendo o foco em minha divagação anterior, mas estou bem, estou sóbrio, tive uma leve recaída nesses últimos dias, nada que não aconteça de tempos em tempos... Retomando, a máscara... eles parecem tão humanos, mas não conseguem se esconder completamente, suas feições carecem de características básicas tipicamente humanas, eles não tem empatia, são incapazes de sentir amor, e isso fica claro como o dia em suas expressões, é totalmente artificial. Mas aí reside o perigo, eles também percebem facilmente quando são notados, se percebê-los enquanto trocam olhares, pode ter certeza de que não sobreviverá para contar a história, ou na melhor das hipóteses, será reduzido a um vegetal, eles apagarão sua mente por completo. Há também feições que são típicas de sua raça, tudo ligado aos sete pecados capitais, inclusive, me pergunto se haveria alguma ligação histórica... eles expressam muito bem ira, luxúria, gula... gula principalmente, adoram devorar seres humanos, e são grandes mentirosos, verdadeiros sociopatas... não atoa lidam tão bem com cargos políticos, não são só controle mental e poder de barganha, suas mentiras emanam um falso carisma que leva mentes mais frágeis a segui-los cegamente... é quase como se fosse uma paixão, como é possível que a humanidade seja tão estúpida?

## - Entrada de diário 17 - 14/03/17

Hahahahahahaha!!! Eu vi, eu sei que eu vi! Não me lembrava desse defeito na "máscara", não sei mais se esse seria o termo apropriado. Contorções, não me parece ser real, ela se contorce, eu juro que pude ver escamas, blocos de pele empelotados como placas, eu simplesmente não me lembrava... também... como poderia? Eles tentaram, só me lembro de um clarão, e... não sei... seria um cirurgião?

Agora não importa, eu lembrei, essa oportunidade que tive me trouxe de volta uma memória há muito esquecida. Há um período onde a camuflagem... espera, era esse o termo que eu costumava usar, camuflagem... enfim, a camuflagem deles falha, eles ficam mais tímidos nesse período e muito mais desconfiados, sua "pele" irreal se desfaz em certos momentos, e demonstra o que eles realmente são, embora seja em pequenas porções de seu rosto. Juro que vi aquela cor verde; verde como água de esgoto, a pele daqueles MALDITOS. Não tomarão o nosso mundo! Estão entendendo? Vocês podem ter controle absoluto sobre nós, mas jamais entenderão um conceito que nós humanos conhecemos muito bem, ESPERANÇA. Enquanto houver uma centelha de humanidade em nós jamais seremos totalmente escravizados... Acho melhor parar por aqui hoje, já me perdi em meus pensamentos, mais uma vez; não sei se consigo retormar.

## - Entrada de diário 18 - 20/03/17

Huff huff huff... eu não tenho muito tempo... (I saw too much!

...Aqueles olhos... meu Deus, aquelas pupilas... huff huff huff... olharam diretamente dentro dos meus olhos, pupilas... finas... na vertical... uma membrana estranha, olhavam fixamente, pavor... não sei como descrever além de pavor, tive uma breve conexão mental com aquele ser desprezível, não me lembro de alguma vez que tenha

sentido um vazio tão grande... eu não tenho muito tempo... pude ver partes confusas de seus intentos... uma reunião... capas pretas; uma adaga de prata... tudo abruptamente interrompido por um pestajenar daquelas pálpebras também verticais...

Não estou seguro, tenho certeza de que ele viu em minha mente muito mais do que eu pude ver na dele... meus receios, meus conhecimentos... meu Deus, ele sabe onde estou, tenho que fugir. Mas para onde? Tenho certeza de que ele também sabe todos os meus esconderijos possíveis...

Não importa, eu não vou passar por tudo aquilo de novo, com a minha mente eles não brincam mais. Vou queimar tudo, apagar os meus rastros e tentar ser o mais imprevisível possível, tenho certeza de que já passei por isso antes... eu acho...

...aghuhtdfack

...se alguém encontrar esse relato, não me procure, proteja sua mente da melhor maneira possível... eles estão chegando... Meu no... sinto... lucem video...

Autor: João, os Olhos do Povo

# Diagramador, capista, escritor e poeta

{ Paulo de Carvalho



## diálogos de SOLIDÃO

desconstruir VAZIOS

quão estranho pode soar em tempos tão plenos  
[tão irreal parecerá aos Homens completos

de vidro, ferro e brita

interiores reflexos entornos complexos D'ANGÚSTIA  
[vazios edificados paradoxo contemporâneo

constroem-se SÓLIDOS

todo simbólico transubstanciado em corpos e mal  
[transparência e silêncio preenchem d'escuro

discursos de SOMBRAS

fundam desertos constroem indecifráveis miragens  
[revelam falésias revestidas de enganos e sal

CONVÍVIOS insólitos

onde externos multiplicam-se pássaros — alforria  
[no peito grudam em visgo seus voos em ossos

Em CASULOS guardados

Tanto o livre quanto MEDO dispensário de engodos  
[quem sabe os ritos da pérola em sua clausura?

A solidão é um jogo d'ESPELHOS  
denuncia nos olhos a dor inquietina e o sangue na faca  
[ao escuro das noites todos os uivos são loucos

NAVALHAS d'entrelinhas  
Nas curvas dos Versos  
Inversos de dentro  
Opacos de fora



EU, o sem DEUS! E outras abominações.

Em ritos sacramentais – disseram-me: ANÁTEMA! Dito em ritos vezes sete – tantos quantos cabiam... sabiam...

Excomungado por Sua Imagem um deus dessemelhante, soube-me Homem!

Cruas palavras vociferadas em timbres d'estanhos urdidas por suas línguas de sabres – perpetuavam estatutos perenes erigidos em aços reluzentes – evadidos de suas bocas esculpidas em granitos — CAR-RANCAS estéticas de seus horrores.

ANÁTEMA! Disseram-me em ritos tantos...

Portentosos! Seus plenos planos edificavam templos [oásis rodeados de areias e najas — pedras de lápide unidas por argamassas de betume e verbos — a liturgia de ferro suas falas materializavam bar-

ras, grades e los engodos do pão.

ANÁTEMA! Tanto quanto sabiam, disseram-me...

Sempre tão pios transubstanciavam-se — momento eucarístico mística circense do trigo onde o pão se fez posse e a fome habitou entre nós. E a disseminação do mal fez ranhuras na carne tábuas inscritas em covas rasas.

Em ritos tantos sabiam o quanto...

O chão do beco sabe a dor da minha sombra revela seus cânticos nos emboços dos muros proscrito medo à luz da insegura dança da vela reflexos de fogo na poça da vala preconizam tanto o dentro e o fora iconografias proféticas para templos d'escuros estéticas d'um agora eterno a rua nua a noite crua aporta ao gueto a fé apagada do credo arremate das cansadas prédicas em arremedos de Homens e suas lápides de verdades guardadas ao musgo das eras onde perambulam por meios de Vós os preâmbulos agonizantes timbrados guturais prelúdios das tendas do BEM e seu MAL.



PAZ E LIBERDADE! Estes são os MONSTROS que precisam ser exterminados, apregoam os que se alçam como representantes dos Homens. E o extermínio deve se dar de forma silenciosa para que não deixem lastros, rastros, pegadas...

As instituições semeiam alpistes em pistas sobre chãos de visgos. Abrem seus portais de céus para a segurança tanto da matéria - seus corpos repletos de medos e arrepios -, quanto para o espírito dilace-

{ exterminem os MONSTROS!

{ EU, o sem DEUS! E outras abominacoes

rado pelas homílias de seus sacerdotes que apregoam o enxofre eterno. Tornam-se simultaneamente, diante de tais prédicas, o lugar de refúgio e janelas para o salto pleno rumo ao voo para a serenidade e tranquilidade. Enganos... Engodos... São, em verdade, seus algozes.

No pórtico de seus templos ostentam em reluzente e bem polido bronze a imagem e semelhança: o ALBATROZ. Acolhem os indivíduos em teias as quais denominam:

SUCESSO! REALIZAÇÃO! PATRIMÔNIO!  
TUA LIBERDADE É A EXTENSÃO DE TEUS ÓBULOS!  
DE CONCRETO TUA PAZ!

O ENGODO, A CLAUSURA E O VENAL são os instrumentos para ludibriar o MONSTRO...

PAZ E LIBERDADE!

Inscritos sejam nos livros dos desterrados. A tênue ironia reluzente como gume do aço.

Proscritos sejam para o bem social, perpetuam os códices dos portentosos próceres.

e homens e mulheres... e jovens e crianças... e velhos e velhas adoram seus cárceres como as ovelhas sabem seus currais.

[paulo de carvalho. 01/03/2017 - uma quarta-feira de cinzas]



# Aesarrabios

## **Paremos de produzir o capitalismo:**

Este é o pivô do nosso salto mortal, o seu centro de gravidade. O fazer que arremessamos contra o trabalho é a luta para abrir cada momento, para afirmar a nossa própria determinação contra toda predestinação, contra todas as leis objetivas do desenvolvimento. Somos apresentados a um capitalismo preexistente que dita que devemos agir de certas maneiras, e a isto respondemos "não, não há um capitalismo preexistente, há apenas o capitalismo que fazemos hoje, ou não fazemos." E escolhemos não fazê-lo. A nossa luta é para abrir cada momento e preenchê-lo com uma atividade que não contribua para a reprodução do capital. Paramos de criar o sistema que nos está destruindo. Vivemos somente uma vez: por que usar o nosso tempo para destruir a nossa própria existência? Certamente podemos fazer algo melhor com nossas vidas.

[HOLLOWAY. J. FISSURAR O CAPITALISMO]